

OS MOTIVOS DA LÍRICA HORACIANA E A POESIA DE RICARDO REIS

JOHNNY JOSÉ MAFRA

Estudo apresentado no *Simpósio sobre Fernando Pessoa*, promovido pelo Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da UFMG, em 16 de setembro de 1980.

1. Introdução

Propôs-me a Senhora Diretora do Centro de Estudos Portugueses, Prof^a Lélia Parreira Duarte, falar a respeito de Ricardo Reis e Horácio. Parece-me que são claras as razões do tema. Fernando Pessoa, pelo seu heterônimo Ricardo Reis, reflete a filosofia de vida haurida do poeta latino, além de repetir, em grande parte, o seu estilo e a sua temática. Em Horácio, Pessoa encontrou a teoria epicurista, e a filosofia dos estoicos,²

1. Os princípios do epicurismo, resumidamente, são estes:

«a) O homem tem em si condições para atingir a felicidade, a eudaimonia.

b) A felicidade identifica-se com o prazer.

c) Uma vez que o prazer físico é instável, porquanto implica o desejo, que, uma vez satisfeito, provoca novo desejo, a nossa felicidade não deve ser procurar o prazer positivo, mas limitar o desejo, para obter a libertação do sofrimento.

d) São preferíveis as pequenas alegrias da vida simples aos prazeres complexos.

e) O epicurismo é quietista, utilitarista, individualista.» (Maria Helena da Rocha Pereira. *Estudos de História e Cultura Clássica — Cultura Grega*. 3^a ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1970. p. 400 - 401).

2. Os princípios do estoicismo, resumidamente, são:

«1) A verdadeira moralidade assenta no saber.

e ao mesmo tempo a forma ou o veículo para divulgação dessa teoria e dessa filosofia.

Não fossem as severas restrições impostas por Eliot em seu trabalho *Que é um clássico?* ao conceito de autor clássico,³ não fosse a situação no tempo e no meio cultural, eu não resistiria à tentativa de afirmar que Ricardo Reis é um poeta clássico. Na verdade, a primeira leitura das suas odes parece pôr-nos em contato com a poesia latina, tanto no que diz respeito à temática quanto no que toca à forma dos versos. O leitor de Horácio sente, ao ler o poeta português, que o mundo romano

2) Ser virtuoso identifica-se com ser sábio, e filosofia é o saber do humano e do divino.

3) Tudo no mundo é obra da razão.

4) Todos os objetos corpóreos são a única realidade. Todas as substâncias, sem excetuar a alma humana e a divindade, são corpóreas, e até as qualidades o são.

5) A alma do homem é de fogo, e parte do Sopro Igneo Universal, Divina Razão, Providência ou Deus, que tudo determina no universo.

6) Tudo obedece a leis universais, que o homem está apto a conhecer, graças à razão.

7) É sábio o que vive de acordo com a razão e com Deus, ou de acordo com a natureza que lhe equivale neste sistema panteísta.

8) O homem é como o cão levado à trela pelo seu dono; pode segui-lo alegremente ou ser penosamente arrastado, se quiser resistir-lhe; mas, de qualquer modo, tem de o seguir. É o que exprime a frase latina: *volentem fata ducunt; nolentem trahunt*.

9) O homem tem as condições necessárias à felicidade, que consegue atingir por meio da vontade, orientada pela inteligência.

10) O homem que for sábio está livre de paixões e afetos, basta-se a si mesmo e é temente a Deus, aspira ao bem e ao justo e é capaz de atuar segundo a natureza.» (Idem, *ibidem*, p. 397 - 400).

3. Segundo Eliot, estas são as qualidades de uma obra clássica: «1) maturidade de espírito; 2) maturidade de costumes; 3) maturidade da língua; 4) perfeição do estilo comum; e 5) universalidade.» (T. S. Eliot. *Qu'est-ce qu'un classique?* In: *Essais Choisis*. Traduit de l'anglais par Henri Fluchere. Éditions de Seuil, Paris, 1950).

está presente, com seu estilo, sua filosofia, seus deuses, seus amores, sua pedagogia.

O gosto da cultura clássica representa uma das faces de Fernando Pessoa, que, de certo modo, brinca de preceptor latino a ensinar o seu discípulo e criação sua Ricardo Reis. Por sua vez, Ricardo Reis, como bom aluno e admirador de seu mestre, apresenta-lhe sua produção, reflexo das teorias ensinadas, verdadeiros exercícios escolares de classicismo.

Dispensa-me este trabalho de comentar fatos já conhecidos, como a personalidade de Fernando Pessoa, seus heterônimos, a formação clássica de Ricardo Reis. Não importa tanto conhecer Ricardo Reis, mas sobretudo o seu modelo.

A propósito de Ricardo Reis e Horácio existem bons estudos, dentre os quais posso citar Jacinto do Prado Coelho, no livro *Unidade e Diversidade em Fernando Pessoa*, o artigo *Fernando Pessoa*, em *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira e Galega*, e Maria Helena da Rocha Pereira, no livro *Reflexos horacianos nas odes de Correia Garção e Fernando Pessoa*. Em seu estudo, fazem os autores um levantamento da temática de Ricardo Reis e um confronto com a temática horaciana.

2. *Motivos horacianos*

Estão ligados ao nome de Horácio motivos universais que a lírica grega já consagrara e que enformam a temática de outros poetas, entre os quais se coloca Ricardo Reis. São motivos mais comuns a brevidade da vida, a inanidade dos bens terrenos, os enganos da Fortuna, a morte, a incerteza do futuro, a moderação nos desejos e nos prazeres, as delícias da vida campestre, o gosto do vinho, o espetáculo das flores.

Apreciemos a ode 38 do Livro I:

Persicos odi, puer, apparatus,
 Displicent nexae philyra coronae;
 Mitte sectari rosa quo locorum
 Sera moretur.

Simplici myrto nihil allabores
 Sedulus, curo; neque te ministrum
 Dedecet myrtus, neque me sub arta
 Vite bibentem.

Moço, não aprecio o luxo persa,
 nem as coroas de trançada tília;
 deixa de procurar tardia rosa,
 onde abra ainda.

Não juntes coisa alguma, laborioso,
 ao simples mirto: este não fica mal
 a ti que serves nem a mim que bebo
 sob a acanhada vide.

(Trad. de Péricles E. S. Ramos. *Poesia Grega e Latina*. São Paulo, Cultrix)

Abriendo ao acaso a antologia de Ricardo Reis, encontramos igual simplicidade e igual inspiração. O poeta deverá estar despojado de qualquer aparato quando chegar o seu momento derradeiro:

Não tenhas nada nas mãos
 Nem uma memória na alma,

Que quando te puserem
 Nas mãos o óbolo último,

Ao abrirem-te as mãos
 Nada te cairá.

Que trono te querem dar
 Que Atropos to não tire?

Que louros que não fanem
 Nos arbítrios de Minos?

Que horas que te não tornem
da estatura da sombra

Que serás quando fores
Na noite e ao fim da estrada.

Colhe as rosas mas larga-as,
Das mãos mal as olhaste.

Senta-te ao sol. Abdica
E sê rei de ti próprio.⁴

Para a compreensão da obra de Ricardo Reis, é necessário conhecer bem o poeta latino Quintus Horatius Flaccus.

Horácio forma, com Virgílio e Ovídio, o grande trio da época de Augusto. Era de origem humilde, mas recebeu educação esmerada, tendo conhecido na própria Grécia as fontes do lirismo que adotou e divulgou. Era homem de relações numerosas, mas, ao mesmo tempo que freqüentava a corte, privando com a alta nobreza, como membro do círculo de Augusto e Mecenas, gostava de levar sua vida mais ou menos livre, com seus amores, seus amigos e sempre com um bom vinho. Sentiu de perto a decadência da sociedade romana, lutou nos campos de batalha, teve amores clandestinos, viveu junto de poetas célebres, experimentou as doçuras de uma vida simples no campo. Para todas essas circunstâncias teve uma idéia especial que imortalizou numa de suas odes.

Esse é o poeta Horácio, a quem se liga por educação, cultura e simpatia Ricardo Reis. Pela educação e cultura, porque Pessoa foi formado no conhecimento dos clássicos greco-latinos; pela simpatia, porque Horácio ocupava o lugar do mestre e criador de Ricardo Reis, Alberto Caeiro.

4. PESSOA, Fernando. *Ficções do Interlúdio / 2-3 / Odes de Ricardo Reis / Para além do outro oceano de Coelho Pacheco*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S.A., 1976. p. 85.

O obra de Horácio é imortal, não só pela força criadora do poeta, como sobretudo pela mensagem de que é portadora. Poeta epicurista e, às vezes, também, estóico, suas poesias eram quase sempre providas de finalidade. Quando menos, pretendia honrar uma divindade ou prestar uma homenagem a um amigo.

Podemos admitir que Horácio praticou uma *poesia engajada*, quando, nas seis primeiras odes do Livro III, juntamente com Virgílio, se anuncia colaborador de Augusto na obra de saneamento e reconstrução do Império Romano. Vemo-lo recomendar à juventude as virtudes morais, guerreiras e religiosas dos antepassados, repelindo os costumes contemporâneos. Na bela ode 1ª do Livro III (*Carmina non prius audita* — versos não antes ouvidos), canta a igualdade de todos os homens, de que é prova incontestável a morte, que não escolhe a quem chamar:

Omne capax movet urna nomen.
a urna ampla agita todo nome.

O ideal patriótico aparece na ode 2ª do Livro III, em que o poeta recomenda aos jovens as mais belas virtudes guerreiras, depois de censurar a juventude enfraquecida e sem entusiasmo. O esplendor de Roma, o aproveitamento da vida, os amores atraíam mais do que a manutenção da grandeza do império. Movido por essa decadência da força guerreira dos jovens, Horácio escreve este verso que é dos mais belos de toda a sua obra, dos mais significativos, dos que mais refletem seu ideal de patriotismo:

Dulce et decorum est pro patria mori. (III, 2, 13).
É doce e belo morrer pela pátria.

A moral epicurista pode ser resumida em poucas idéias: o poeta considera a brevidade da vida, a fatalidade, a necessidade de gozar moderadamente os prazeres

e de aproveitar o momento, que é passageiro. Encontram-se esses motivos em numerosas odes que quero citar pelo menos em parte:

1. Sobre a moderação nos prazeres (II, 3, 1-4):

Aequam memento rebus in arduis
 Servare mentem, non secus in bonis
 Ab insolenti temperatam
 Laetitiam, moriture Delli.

Ó Délio, tu que hás de morrer
 lembra-te de conservar um ânimo igual,
 na adversidade como na prosperidade,
 comedido da excessiva alegria.

2. A brevidade da vida e a igualdade de todos perante a morte estão nestes versos da ode 4ª do Livro I:

Pallida mors aequo pulsat pede pauperum tabernas
 Regumque turres. O beate Sestii,
 Vitae summa brevis spem nos vetat inchoare longam.

A pálida morte toca com o pé igualmente as casas dos pobres e os palácios dos reis. Ó feliz Séstio, a brevidade da vida impede-nos de construir uma longa esperança!

3. A vida é breve, aproveitamos a vida! Esse é um motivo universal que a literatura consagrou na frase de Horácio "Carpe diem". Encontramo-lo na ode 11 do Livro I. Encontramo-lo também em outras odes de Horácio, representado na fragilidade da vida das rosas. Ricardo Reis explora esse motivo ao qual volta a todo momento. A ode de Horácio deve ser conhecida inteira:

Tu ne quaesieris, scire nefas, quem mihi, quem tibi,
 Finem di dederint, Leuconoe, nec Babylonios
 Tentaris numeros. Ut melius quidquid erit pati!
 Seu plures hiemes, seu tribuit Jupiter ultimam,
 Quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare
 Tyrrhenum, sapias, vina liques et spatio brevi
 Spem longam reseces. Dum loquimur, fugerit invida
 Aetas: carpe diem, quam minimum credula postero.

Não indagues, Leucónoe, impio é saber
 a duração da vida
 que os deuses decidiram conceder-nos,
 melhor é suportar
 tudo o que acontecer.

Quer Júpiter te dê muitos invernos,
 quer seja o derradeiro
 este que vem fazendo o Mar Tirreno
 cansar-se contra as rochas,
 mostra-te sábia, clarifica os vinhos,
 corta a longa esperança,
 que é breve o nosso prazo de existência.

Enquanto conversamos,
 foge o tempo invejoso.

Desfruta o dia de hoje, acreditando
 o mínimo possível no amanhã.

(Trad. de Péricles E. E. Ramos) 5

4. *Carpe diem* é o símbolo da moral horaciana, mas não o é menos a *aurea mediocritas*, que serviu de motivo a Ricardo Reis e que se encontra na ode 10ª do Livro II do vate latino:

Auream quisquis mediocritatem
 Dilligit, tutus caret obsoleti
 Sordibus tecti, caret invidenda
 Sobrius aula.

Todo aquele que escolhe a justa medida,
 preciosa como o ouro, vive seguro das torpezas
 de uma casa pobre; vive na moderação,
 longe dos palácios que o vulgo inveja.

5. O motivo do amor envolve toda a lírica horaciana. A leitura das odes mostra-nos que Horácio não teve amor, mas amores. Não amou uma mulher; amou as mulheres. Outros poetas de sua época celebraram em sua poesia uma única mulher, de tal modo que os conhecemos pelas duplas: Catulo e Lésbia, Tibulo e Délia,

5. Cf. *Poesia Grega e Latina*. S. Paulo, Editora Cultrix.

Propércio e Cíntia. Horácio, porém, consagrou várias mulheres: Lídia, Cloé, Pirra, Leucónoe, Lálage, Glicera, Neera e muitas outras. Mas, apesar de tantos amores, parecia descrever das mulheres e delas, na verdade, só esperava o prazer.

6. A obra de Horácio é inesgotável. É uma obra imortal. O poeta tem consciência disso e, cheio de orgulho, faz o seu próprio elogio. Se a obra de Horácio é um monumento no conjunto da literatura latina, a ode 30 do Livro III é um monumento no conjunto da obra:

Exegi monumentum aere perennius,
 Regallique situ pyramidum altius,
 Quod non imber edax, non Aquilo impotens
 Possit diruere aut innumerabilis
 Annorum series et fuga temporum.
 Non omnis moriar, multaque pars mei
 Vitabit Libitinam. Usque ego postera
 Crescam laude recens, dum Capitolium
 Scandet cum tacita virgine pontifex.
 Dicar, qua violens obstrepit Aufidus,
 Et qua pauper aquae Daunus agrestium
 Regnavit populorum, ex humili potens
 Princeps Aeolium carmen ad Italos
 Deduxisse modos. Sume superbiam
 Quaesitam meritis et mihi Delphica
 Lauro cinge volens, Melpomene, comam.

Ergui um monumento
 mais duradouro do que o bronze, mais soberbo
 que o régio vulto das pirâmides, alheio
 ao vento, à chuva, à sucessão sem fim dos anos,
 ao tempo em fuga.

Não morrerrei de todo:
 parte de mim há de evadir-se aos ritos fúnebres.
 Crescerei, sempre novo, com o louvor futuro,
 enquanto ao Capitólio ascendam o pontífice
 e a virgem silenciosa.

Eu que de pais humildes
 nasci onde violento o Aúfio estrondeia
 e o Dauno sobre povoações de agricultores
 reinou escasso de águas, eu serei famoso:
 sim, hão de celebrar-me

por ter sido o primeiro
 a usar o metro eólio na poesia itálica.
 Não escondas, ó Musa, o orgulho que te cabe
 por teu merecimento, e cinge minha fronte
 com os louros de Delfos.

(Trad. de Péricles E. S. Ramos)

3. *Projeções horacianas em Ricardo Reis*

Interrompo os comentários sobre Horácio e pretendo ter mostrado o modelo do poeta português. Pretendo ter levantado os principais motivos que aparecem nos exercícios clássicos de Ricardo Reis, exercícios que deviam deixar plenamente realizado o mestre Caeiro.

Convém observar agora algumas projeções da temática horaciana na obra de Ricardo Reis. Tomemos os costumes pedagógicos greco-romanos e observemos como conviveram Caeiro e Ricardo Reis.

Na verdade, Alberto Caeiro é um simpatizante do classicismo, se não um profundo conhecedor da cultura greco-romana. A imitação clássica não passaria de um motivo poético de Pessoa, e o poeta o faz em todos os sentidos. À maneira das célebres duplas de preceptor/discípulo da civilização grega ou latina, encontramos aqui a dupla Caeiro/Ricardo Reis. Conhecemos já traços da personalidade de Pessoa, que, como se lê em Jacinto do Prado Coelho, era "retraído, com vocação para viver isolado, sem compromissos, sempre disponível para as aventuras do espírito...". E ainda: "Subtil conversador de café, parece inepto para a vida sentimental; apenas se lhe conhece o namoro burguês de poucos meses com

uma datilógrafa".⁶ Esse caráter permitiu uma autoafirmação afetiva com o desenvolvimento de um amor narcisista. Ricardo Reis é uma projeção de Caeiro, que nele se contempla e se compraz.

Esse aspecto de Ricardo Reis é uma projeção horaciana. Muitos são os poemas em que Horácio retrata a pedagogia ainda vigente à sua época: a iniciação do jovem pelo convívio mestre/discípulo. Diz-nos Marrou que não se trata de inversão erótica, pois tanto os gregos quanto os romanos a abominavam. "Para o homem grego, a educação residia essencialmente nas relações profundas e estreitas que uniam, pessoalmente, um espírito jovem a um mais velho — que era, ao mesmo tempo, seu modelo, seu guia e seu iniciador...".⁷

Pretendo que o aspecto homossexual da obra de Caeiro e Ricardo Reis seja apenas um exercício de pedagogia clássica, isto é, não vá além de motivo poético.

É notável o poema didático de Alberto Caeiro *O Guardador de Rebanhos*,⁸ em que o poeta é um pedagogo, à maneira dos gregos ou dos latinos. Seu estilo aproxima-se do das sátiras de Horácio. Nele encontramos, na teoria, o que mais tarde Ricardo Reis aproveitará em suas odes. Fala de Deus e fala de Cristo. Nesse poema, Jesus é o *puer delicatus* dos latinos, mas, no fundo, o *puer delicatus* é Ricardo Reis, que Caeiro educa como um preceptor latino. Esse aspecto de Pessoa é também uma imitação de Horácio, que mostra aqui e ali, em suas odes, a existência de companheiros mais

6. COELHO, J. C. Fernando Pessoa. In: *Dicionário de Literatura Brasileira, Portuguesa, Galega e de Estilística Literária*. 3ª ed., Porto, Figueirinhas, 1978.

7. MARROU, Henri-Irénée. *História da Educação na Antiguidade*. 4ª reimpressão, São Paulo, E.P.U. — Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1975. p. 59.

8. PESSOA, Fernando. *O Eu profundo e os outros eus: seleção poética*. Seleção e nota editorial / de / Afrânio Coutinho. 6ª ed., Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1978. p. 135.

jovens a quem deveria oferecer a sua tutela e dos quais sentia ciúme, como se pode ver na ode 8ª do Livro I. O poeta repreende Lídia, porque esta afastara Síbaris dos exercícios honestos, envolvendo-o num amor pernicioso. Na ode 4ª do Livro I, exorta o seu amigo Séstio sobre a brevidade da vida e diz-lhe que não mais admirará o terno Lícidas: “nec tenerum Lycidam mirabere...”. A relação mestre/discípulo de Caeiro/Ricardo Reis aparece no poema-resposta, de teoria epicurista sobre a brevidade da vida, em que Ricardo Reis se dirige a seu preceptor:

Mestre, são plácidas
 Todas as horas
 Que nós perdemos,
 Se no perdê-las,
 Qual numa jarra,
 Nós pomos flores.

Já encontramos em Horácio a presença das flores como símbolo da brevidade da vida. Ricardo Reis faz desse motivo um refrão, no conjunto de sua poesia. O motivo aparece no poema-resposta e especialmente nesta ode que vale a pena ler:

Coroai-me de rosas,
 Coroai-me em verdade
 De rosas —
 Rosas que se apagam
 Em frente a apagar-se
 Tão cedo!
 Coroai-me de rosas
 E de folhas breves.
 E basta.

Marca o estilo de Ricardo Reis o verso ou a frase “Colhamos flores”, que o poeta busca à poesia latina. Embora inspirado na ode horaciana, tudo indica que essa expressão foi tomada por Ricardo Reis ao poeta latino Ausônio, que, no poema *De Rosis Nascentibus*,

celebra o espetáculo do nascimento das rosas e termina com este dístico monumental:

Collige, virgo, rosas, dum flos novus et nova pubes

Et memor esto aevum sic properare tuum. (v. 49-50)

Colhe, virgem, as rosas, enquanto a flor está nova e nova a tua mocidade, e lembra-te de que tua vida tem a duração não menos curta. (Trad. de Paulo Rónai)

Nem sempre o poeta Ricardo Reis espelha as teorias do mestre latino. Pelo menos duas vezes, em dois aspectos, o poeta português diverge de Horácio. A bela ode horaciana *Exegi monumentum aere perennius* “encontra uma réplica numa ode de Reis, em que este pondera que é o próprio mundo que, projetando-se na mente do poeta, cristaliza na obra e lhe assegura a perenidade”.⁹

Seguro assento na coluna firme
Dos versos em que fico,
Nem temo o influxo inúmero futuro
Dos tempos e do olvido;
Que a mente, quando, fixa, em si contempla
Os reflexos do mundo,
Deles se plasma torna, e à arte o mundo
Cria, que não a mente.
Assim na placa o externo instante grava
Seu ser, durando nela.

Por outro lado, Reis “em coisa alguma faz lembrar o Horácio violento e libertino, que troça, injúria, pragueja, o Horácio realista das sátiras, o Horácio das odes cívicas interessado na expedição de Augusto contra os Bretões ou na campanha contra a dissolução dos

9. COELHO, J. P. *Unidade e Diversidade em Fernando Pessoa*. 5ª ed., São Paulo, Verbo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. p. 45.

costumes em Roma" (J.P.C.).¹⁰ Ao verso horaciano *dulce et decorum est pro patria mori*, Ricardo Reis replica com

Prefiro rosas, meu amor, à pátria,
E antes magnólias amo
Que a glória e a virtude.

4. *Conclusão*

Essas reflexões permitem-me voltar às palavras iniciais para resolver a questão do enquadramento de Reis na galeria dos clássicos. Fernando Pessoa é um modernista que brinca de clássico e, para se expressar, cria um poeta clássico, Ricardo Reis, mas um clássico rebelde, que, ao grito "é doce e belo morrer pela pátria", responde

«Prefiro rosas, meu amor, à pátria».

Segundo Jacinto do Prado Coelho, o classicismo de Reis não passa de "divertimento estético ou figuração simbólica, horacianismo intencional (op. cit. p. 46).¹¹

Para terminar, confesso que ao leitor das obras latinas agradam as odes de Ricardo Reis mais do que o conjunto da obra dos outros heterônimos de Fernando Pessoa, exatamente porque em Ricardo Reis está uma projeção de Horácio que é um dos poetas mais conhecidos e mais apreciados da antigüidade.

10. *Idem.* p. 46.

11. *Idem.* p. 46.